

Ritornelos caosmóticos. Cartografia de encontros com Guattari e Deleuze

por MARIA LUIZA CARDINALE BAPTISTA

Abstract

This text has the character of an essay, having been written as a report of reflective experience with a cartography of encounters with the authors Felix Guattari and Gilles Deleuze, resulting from studies, experiences, teaching and research with schizoanalysis for over 30 years. In a personal writing, the researcher focuses on the concept of ritornello as a link that detaches and returns, that intertwines, connects, intensely sensitizes, in the middle of chaosmotic processes – of chaos, of osmosis in the cosmos. The author presents elements of the desiring intensity of the encounters with the authors, in order to share how she has constituted herself as a schizoanalytic subject, in alignment and intertwining with contemporary assumptions of holistic, ecosystemic and complex science. There are signs of schizoanalytic arrangements in personal experience and in the various existential universes of 'co-experience'.

Preliminares

Eu costumo dizer que o texto também tem suas preliminares, assim como as relações mais saborosas. Aquele tempo de enlaçar-se, enamorar-se no outro, sentindo, vivendo, propondo, tocando, afetivando, insinuando-se e misturando-se. Assim, penso também na delícia que é escrever e sentir-pensar uma fala ou uma inscrição desejante, numa proposta do que eu venho chamando de inscricional, que inscreve, cria e aciona, projeta potência de relação, de um devir significação compartilhado, com proposta de entrega e acolhimento amoroso. O conceito sentir pensar é atribuído a Fals Borda, foi difundido amplamente pela obra de Eduardo Galeano. É curioso, no entanto, o que relata o próprio Fals Borda sobre a criação da palavra: “Esse sentipensante que aparece em meus livros não fui eu que inventei. Isso foi lá em um dos pântanos próximos de San Benito Abad, perto de Jegua, lá por esses lugares, que algo aconteceu com um pescador que estava comigo e disse: ‘Olhe para nós, acreditamos que agimos com o coração, mas também usamos a cabeça e quando combinamos as duas coisas, somos sentipensantes.’”¹

¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LbJWqetRuMo&t=33s>. A explicação também está presente no texto Sentipensar: uma Pesquisa em Educação Ambiental com a Literatura de Eduardo Galeano, de Martins & Sampaio (2021).

Assim, começo contando a história do próprio texto e da emoção de ser convidada a produzi-lo. Recebi o convite dos amigos, psicanalistas y filósofos de Moscú y Jerusalén, Gabriel Mart y Dimitri Bochkov, para participar com uma fala na conferencia: "50 años de Anti-Edipo: El esquizoanálisis como práctica multidisciplinar y modelo teórico del contenido, los canales de formación y los efectos del potencial humano", que ocorreu de 28 a 30 de novembro de 2022.

A gentileza e grandiosidade do convite me encantaram. A ideia de estar junto com pessoas de diversas regiões do mundo, conversando sobre Guattari e Deleuze, sobre os pressupostos da Esquizonálise certamente corresponde a uma condição de extrema alegria, no sentido de Espinoza... alegria como potência de agir. Claro que também tinha a nítida dimensão da responsabilidade, pelos mesmos motivos que me traziam alegria. Enfim, em meio ao caos, melhor dizendo, à caosmose do cotidiano da vida, decidi aceitar e produzir uma fala em espanhol – minha língua original é o Português – que seria traduzida para o russo. Pensei: como será isso? Os conceitos, as ideias esquizoanalíticas já são complexas e densas em Português, como será falar um texto, cheio de metáforas, e contar com os riscos de sua tradução. Refleti, refleti e mantive a decisão de aceitar. Talvez este seja mesmo um dos grandes desafios contemporâneos: que aprendamos a nos reconectar entre os povos e os muitos languageares que foram sendo produzidos na deriva histórica da humanidade. Aprender a nos traduzir e acreditar na potência das traduções que outros fazem de nós mesmos. Precisamos tentar, tentar e conseguir entrelaçar mundos e seres, sujeitos e lugares, de tal modo que consigamos compartilhar vivências, sentimentos e pensamentos.

Também penso que, nesse esforço de se soltar na espontaneidade da produção, é preciso acreditar na potência dos afetos, nos laços e intensidades que produzimos e que podem – certamente vão – insinuar-se amorosamente ao outro, como afagos e colos reflexivos, no encontro de quem vibra intensidades abstratas, na produção de afetos e saberes.

Enfim, tratou-se de um convite me muito me honrou e me emocionou. Permaneço honrada por estar entre pensadores e profissionais de diversas regiões do planeta, que tem se vinculado à obra de Félix Guattari e Gilles Deleuze.

O texto é escrito em primeira pessoa do singular, porque não faria sentido, pela expressão que floresce das minhas interações esquizoanalíticas com os autores, negar a mim mesma ou fazer-me desaparecer no processo de aninhar-me com palavras, frases, afetos e ideias ao leitor. Essa reflexão inclusive está no certe da minha tese, apresentada no ano 2000, na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, com o título: O Sujeito da Escrita e a Trama Comunicacional.

Assim, penso que não faz sentido falar ou escrever sobre Esquizonálise. Esquizonálise é uma atitude (no sentido de ato no todo). Desse modo, assumo que, no meu texto, estou eu mesma entrelaçada aos autores e colegas pesquisadores que compartilharam comigo reflexões e sentimentos e, ao mesmo tempo, para lembrar

também o professor Umberto Eco (1993) – e suas reflexões sobre o leitor – há também presumidas, já transversalizadas, as presenças dos leitores, a quem um texto como este possa interessar. Assim seguimos com a Cartografia de Encontros, numa viagem que eu convido, eu sou narradora e guia contratada, ao mesmo tempo.

Cartografia de Encontros

Guattari e Deleuze se transformaram, no percurso de mais de 30 anos – desde os anos de 1990 –, em meus amigos de infância, adolescência e vida adulta, sem que eu nunca os tenha encontrado presencialmente. Fico refletindo que aprendi tanto com eles, sobre intensidades abstratas, que essa presença se fez e se faz de tantas outras maneiras, que são maiores que a presença física, propriamente dita.

Eu os saúdo também neste momento, assim como ocorrem em várias situações do meu dia, em que fico imaginando como eles reagiriam diante de algumas situações vividas no meu país, que pensariam sobre absurdos tantos, que estamos vivendo no planeta, que mais poderiam me dizer que pudesse ajudar a agenciar um devir esperança, para as pessoas, para o Brasil, para o Planeta.

A propósito, é interessante que saibam de onde eu falo, escrevo. Vivo grande parte da minha vida, no Brasil, portanto da América do Sul, mais especificamente do Sul do Brasil, onde se localiza Universidade de Caxias do Sul, onde sou professora e pesquisadora, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, líder do Amorcomtur! Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoise, e professora dos Cursos de Comunicação Social. Também sou professora colaboradora de Universidade do Amazonas, na região Norte do Brasil, localizada a seis mil quilômetros de distância de Caxias do Sul. Isso já sinaliza para uma característica minha, de sujeito desterritorializada constantemente e multiterritorializada. Tenho parcerias com colegas de mais de 15 países, para onde tenho viajado e com quem tenho produzido pesquisa, o que significa que sou a própria desterritorialização e vivo a multiterritorialidade, como estamos experienciando agora.

Bom, vamos avançar. Escolhi falar a partir de quatro palavras: ritornelos, caosmose, cartografia, encontros. Poderia ter escolhido muitas outras palavras/conceitos esquizoanalíticos. Foi mesmo difícil fazer esta escolha. Senti, pensei, refleti e escolhi.

Penso, neste sentido, que esta ‘minha fala’ é uma espécie de ritornelo, um elo que retorna, algo que, ao ser produzido, me reconecta intensa profunda e abstratamente com os laços que estabeleci com Guattari e Deleuze. Durante muito tempo, venho refletindo que ritornelo é uma das chaves de relação entre os seres. O elo que retorna, que se destaca pela intensidade e assim pode produzir conexões, reconexões. Lembrando conexões com Roland Barthes (1984), que também fiz nos meus estudos, eu posso dizer... Ritornelo é o punctum, o que pune, o que me toca em especial em sentido profundo e me faz produzir

movimento. Ritornelo é a faísca de agenciamento da relação entrelaçada, dos laços transversais de sentidos entre os seres.

Sou profissional da área da Comunicação, tenho interesse pelas pessoas, pelas relações, pela subjetividade e, ao longo da minha vida, tenho me questionado sobre como construir estradas até o Outro, até as outras pessoas, seus afetos, suas emoções, seus corações. Sou jornalista de formação, comunicadora social, educadora, pesquisadora, cientista, mãe adotiva e mãe biológica, filha, mulher, pessoa, empresária... interessada em como produzir com-tato... como produzir com-versações e tocar os afetos das pessoas. Nesse sentido, penso que grande parte do que vivemos contemporaneamente é porque desaprendemos a produzir ritornelos e, em função disso, nos desconectamos afetivamente, em um mundo aparentemente hiperconectado.

O ritornelo é também a produção de entrelaço, o laço que junta, que reúne e que intensa e afetivamente faz fazer sentido junto. O ritornelo, originário da música, nos ensina que somos tocados de muitas maneiras, mas especialmente pelas intensidades que se destacam e agenciam nossos afetos. O ritornelo deve ser celebrado e cultivado. Em certo sentido, penso que, se estamos aqui é porque em meio à profusão de falas e pensamentos do século passado, Guattari e Deleuze se fizeram e fazem RITORNELOS.

Ao mesmo tempo, penso que os ritornelos são caosmóticos e dissipativos. E dizer isso significa fazer referência ao principal traço de nossas existências, em meu entendimento, a partir das minhas vivências entrelaçadas com tantos seres e das minhas 'com-versações' com Guattari, especialmente com Guattari, mas também com Deleuze.

Sinceramente, ao mesmo tempo, acredito na potência enunciativa, para descrever o contemporâneo com maestria, da palavra caosmose. Caos – osmose – no cosmo. Como cristalização de sentidos, a palavra concentra saberes majestosos que têm nos orientado desde a metade do século passado, quando passamos a pensar a ampliação da Teoria Sistêmica, para a compreensão dos Sistemas Abertos e, na visão esquizoanalítica, pela lógica da transversalidade ampla, que nos convoca inclusive a não pensar mais em disciplinas, mas em universos existenciais de produção de sentidos, em contínuas máquinas transpoiéticas, mais que autopoiéticas.

A palavra CAOSMOSE nos conecta com o Big Bang, a grande explosão que é produtora de novos universos. Também nos remete à Teoria do Caos, de Edward Lorenz (in Capra & Luisi, 2014), das orientações de que o caos é produção em lógicas de recursão organizacional, de Edgar Morin, dos saberes do ponto de mutação, a partir do pensamento de Fritjof Capra (1991), da visão holística de Jan Smuts (in Weill, 1991) (pai do termo holismo) e das conexões holísticas com Roberto Crema (1989).

A associação entre as duas palavras se transforma em outra síntese emblemática. Ritornelos Caosmóticos ajudam a compreender ao mesmo tempo a episteme do caos, da osmose, no cosmo, em elos que retornam e se produzem em recursões organizacionais, decorrentes de nós de passagem e de confluência, como nos ensinou o químico Ylia Prigogine (2000, 2009) no estudo das estruturas dissipativas.

Assim, os encontros com Guattari e Deleuze significaram, para mim, o agenciamento de um verdadeiro salto quântico, como nos ensina, entre tantos autores, Amit Goswami (1993), da Índia. Esse salto me fez vibrar em outras lógicas de múltiplas e sincrônicas trajetórias de saberes. Nada mais foi como era antes no meu olhar. Tudo se movimentou no pensamento, sentimento, nos olhares, no movimento do corpo, nos processos de interação com outros seres. Eram os anos de 1990, eu os conheci, Guattari e Deleuze, nos textos, oficinas e vivências múltiplas, em um projeto de aprendizagem de Processos Grupais, em um curso de formação em Porto Alegre, cidade ao Sul do Brasil, em um local que, claro, não por acaso, se chamava Espaço de Vida, coordenado pelas psicólogas Lígia Hecker Ferreira e Carmen Oliveira.

Lembro-me que a primeira ideia que me chamou a atenção, naquele curso, foi a de que para a Esquizoanálise, vale o SUJEITO EM PRODUÇÃO e não o sujeito forjado por traumas ou complexos, como nos vinham ensinando outras visões teóricas. Também me encantei com a ideia de que o inconsciente está presente e em ação o tempo todo, como uma usina de produção, uma máquina desejante constante e que se expressa em cada instante, nos gestos, na respiração, no corpo vibrátil, e não está escondido em uma espécie de quarto dos meus segredos, para se deixar escapar nos sonhos, nos chistes ou nos atos falhos. Inconsciente pleno e potente. Depois, com o tempo, fui entendendo a partir de outras teorias, que a energia inconsciente agencia o sujeito o tempo todo, fazendo-o vibrar, amar, brigar, calar, saltar, silenciar e, literalmente, movimentar mundos, agenciar ritornelos em meio às conexões caosmóticas, em meio às intempéries da vida.

A intensidade da energia inconsciente é a própria intensidade de agenciamento da potência desejante, fundamental para que seja constante fluente e espontaneamente agenciada a teia da vida caosmótica em nós e nos entrelaçamentos osmóticos do cosmo. Ou seja, estamos falando em entrelaçamentos inconscientes que se expressam em feixes de energias geradores de vida, genuínos ingredientes da geração da vida, de que nos ensina Humberto Maturana (1997, 1998, 2015), uma das principais referências quando se fala do estudo do surgimento da vida no planeta, ainda que não se refira a esses feixes com esse linguajar. Tive o privilégio de ser aluna deste grande cientista que, não por acaso, ensinou ao mundo que as espécies vivas surgem de confluências e que, uma vez realizada a mágica da vida, se instala a potência autopoietica, que, por sua vez se produz a partir dos acoplamentos. Guattari e Deleuze vão nos ensinar a pensar os agenciamentos produtivos das máquinas autopoieticas, o que também nos ajudou a ampliar a visão biológica de Maturana, para outros universos existenciais e de conhecimento, permitindo compreender inclusive o acoplamento entre os seres e os dispositivos maquínicos, como também nos ensina um dos parceiros de Marshal McLuhan, Derrick de Kerckhove (1997).

Assim também pude compreender melhor os engendramentos maquínicos nas interações com e entre os meios de comunicação, considerados pelos meus 'amigos' Guattari e Deleuze, como equipamentos coletivos de produção de subjetividade, em meio

a tantos outros universos maquínicos e tantas máquinas abstratas, como a Ciência, A Universidade, a Arte, entre tantas.

Neste ponto, eu me dou conta que já estou avançando a Cartografia dos Encontros com Guattari e Deleuze. Ao mesmo tempo, me aciona o ritornelo especial, a partir da palavra Cartografia, com a qual entrei em contato em dois primeiros textos Cartografias do Desejo, de Guattari com Suely Rolnik, uma pensadora brasileira, e Cartografia Sentimental, da própria Suely Rolnik, apresentando sua pesquisa do mestrado. O contato com o conceito e com a ideia de produção de percursos que se inscrevem como acontecem, em meio à mutação da paisagem também marcou profundamente minha vida. Ao mesmo tempo, ao avançar nas leituras esquizoanalíticas, eu encontrava uma ciência aberta ao mundo da emoção e da sensibilidade, ao mundo dos afetos, tão diferente à ciência fria e calculista, a que eu tinha sido até então apresentada.

Nesse novo modo de compreender o ser humano, mas não só o ser humano, de compreender os sistemas de entrelaçamentos numa lógica ecosófica, cuja grandiosidade só fui compreendendo com o tempo, eu me encontrava natural e espontaneamente aconchegada. Era como se tivesse encontrado um porto, um porto caótico e na caoticidade das intensidades abstratas eu me sentia em casa, territorializada, com a tranquilidade de saber que o agenciamento decorrente das desterritorializações não seria nada mais que me perder em descaminhos, que agenciariam outras vidas, outros territórios e que se abririam para o agenciamento de mais e mais potência. Assim, a cartografia se associou às desterritorializações desejanter e eu pude associar essa ideia a tudo na vida, inclusive e principalmente à pesquisa, às práticas e procedimentos operacionais, tendo criado duas estratégias metodológicas denominadas Cartografia dos Saberes e Matrizes Rizomáticas – estratégias de sobrevivência em percursos de investigação qualitativa para a ciência do Mundo N'ovo, o mundo que está para nascer (Baptista 2014, 2020; Baptista & Eme, 2022).

As duas estratégias foram criadas e são utilizadas do modo acoplado, para orientar a produção de pesquisas em cenários caosmóticos de ritornelização. A questão que se interpôs para mim, na década de 1990 era como ensinar Metodologia da Pesquisa, compreendendo e me emocionando com tantas teorias e orientações de vida, que me direcionavam para a visão complexa, ecossistêmica, caosmótica, desterritorializante, dissipativa e holística? Assim, eu entendi também que não poderia ensinar pesquisa ou metodologia como quem propõe que o sujeito se encaixe em dogmas pré-fabricados. Eu queria agenciar desejo pela pesquisa, pela Ciência, e que agenciasse também a potência de cada pesquisador, de cada sujeito, a produzir a partir dos seus caminhos e descaminhos. Assim, naquela época, propus a ideia de que fazer pesquisa é fazer uma viagem investigativa e que, para isso, devemos trabalhar com a lógica cartográfica, de mapeamentos mutantes, de lógicas inscricionais – palavra que criei para representar a ideia de se inscrever, criar e acionar novos mundos de conhecimento.

Desse modo, a Cartografia de Saberes propõe a viagem com o estabelecimento de cinco trilhas. A Cartografia se operacionaliza por trilhas simultâneas, consideradas em sua

dinâmica de produção em contínuo processo. Há uma trilha inicial, que se transforma em sinalizadora para as outras, que são acionadas simultaneamente. Trata-se da Trilha Trama dos ‘Entrelaços Nós da Pesquisa’, que identifica os ‘nós’ investigativos, os focos de trilhas investigativas a serem perseguidas. A estratégia metodológica considera o caráter subjetivo e autoral do pesquisador, sua história, suas inquietações e buscas, na Trilha dos Saberes Pessoais ou Dimensão Subjetiva, em associação a vários outros saberes, em três outras trilhas. A Trilha Trama Teórico-Conceitual-Bibliográfica é o phylum investigativo que possibilita realizar encontros com os saberes dos outros, em coerência e alinhamento derivativo dos núcleos de significação do foco de estudo, os ‘entrelaços nós da pesquisa’. Na Trilha Usina de Produção ou Trama dos Fazeres, há o universo dos fazeres investigativos, em aproximações e ações, com seu caráter de inscrição – inscrição, criação e acionamento de devires – atendendo à singularidade e à complexidade dos universos ecossistêmicos investigados. Em associação, com caráter simultâneo, espontâneo e constante, há a Trilha Dimensão Intuitiva da Pesquisa, reconhecendo que o conhecimento se produz no entrelaçamento de universos potentes, envolvendo as dimensões materiais e imateriais, em coerência com o fato de que a pesquisa é, ela mesma, um universo vivo e transmutante.

Já as Matrizes Rizomáticas são uma estratégia metodológica de sistematização. Foram criadas para ajudar o pesquisador a verificar a coerência interna da pesquisa e as inflexões, os direcionamentos do processo durante e depois de concluída a investigação. A denominação decorre do entendimento de ‘matriz’, como lugar gerador da vida, do que decorre a proposição de que as matrizes expressam os lugares geradores da vida da pesquisa. A complementação rizomática está associada ao conceito de rizoma, de Félix Guattari e Gilles Deleuze (1995), que propõem o rizoma, a partir da transposição da significação da Botânica, como uma espécie de raiz de crescimento irregular e brotações espontâneas sem simetria e regularidade.

Desse modo, as Matrizes Rizomáticas são sistematizações dos ‘lugares geradores da pesquisa’, observando os rumos, as inflexões em suas irregularidades e fluidez, em brotações que se formam, constituem nós, que se desdobram em novos fluxos até a confluência e formação de novos nós, que dão passar para novos fluxos... até chegar em novos nós, e assim sucessivamente. Essa ideia também se alia ao pensamento de Ylia Prigogine, que, desde a Química, propôs o estudo de estrutura dissipativas, com o reconhecimento de nós de confluência e nós de passagem.

Essas estratégias resultam de mais de 30 anos como docente de Metodologia da Pesquisa e orientadora de trabalhos em todos os níveis acadêmicos.

Ainda quero me referir a outras ideias, nessa cartografia de encontros, para finalizar.

A primeira delas é o encontro com a ideia de desejo como potência e não como falta. Essa ideia tem marcado minha vida e alterado em situações micro e macro, tanto as minhas relações como o próprio rumo da minha existência. Para exemplificar, conto uma história pessoal. Eu sempre quis ser mãe. Sou descendente de uma italiana e a ideia de ser

mãe sempre foi algo forte em mim, a imensidão de amor, a força matrística que nos orienta no universo feminino, um devir mãe leoa potente se fez em mim durante a vida. Um diagnóstico, no entanto, de endometriose severa, apareceu para se interpor ao meu sonho, aparentemente ao meu desejo, não fosse ele potência. Meu médico, naquela época, dizia: Maria Luiza para você é impossível. Eu respondia: Não é! Ele insistia: eu já expliquei, pela Medicina não é possível. Seu caso é grave. Você tem endometriose em nível severo. Não é possível engravidar. Eu dizia: é possível! Vou engravidar, é uma questão de tempo, você pode esperar. Ele insistia: já fizemos todos os exames. Não é possível. Eu respondi: você não me conhece bem. Eu sei que vou ser mãe. Eu DESEJO SER MÃE. Então, é uma questão de tempo. Enquanto não engravidar, vou adotar crianças e ser mãe adotiva. Assim, adotei três crianças e, quando já não fazia mais nenhum tratamento, engravidei biologicamente, de uma filha, para surpresa do meu médico. Desejo potente agenciado e fortalecido pelos entrelaçamentos com meus outros filhos. Além disso, a própria experiência de maternagem acadêmica com meus alunos me garantia que o corpo responderia à minha natureza materna, de MÃE, MATRIZ GERADORA DA VIDA E AMOR!

Sobre hiências, devires e reticências...

Assim, talvez a grande síntese dessa cartografia ou, ao menos, o que eu gostaria que ficasse como síntese, esteja na ideia que venho trabalhando, também inspirada em Humberto Maturana, de que precisamos uma revolução matrística, que resgate em nós os traços básicos da família ancestral, no sentido da ética da relação e de amorosidade, laços ético-estéticos de interações transpoiéticas, geradoras de vida plena em uma lógica ecosófica e de superação do antropoceno. Uma lógica em que possamos coexistir com todos os seres, visíveis e invisíveis no planeta. Que possamos resgatar nossos entrelaços de ritornelos e afetivações, entre a caosmose contemporânea e nos direcionarmos para a preservação não só do planeta, de Gaia, mas da coexistência em ritornelos de paz, colaboração e amorosidade.

Guattari e Deleuze são autores que marcaram a minha vida para sempre, como teórica, pessoa intensa afetiva e amorosa, ser desejante no mundo, jornalista, pesquisadora, cientista, mulher, mãe, no agenciamento de um ser que transita por entre as engrenagens maquínicas e se faz em flor em ser, floresceres de amorosidade e autopoiese. As pistas de potência de agenciamento autopoietico e a compreensão do desejo como potência, em combinação com o reconhecimento de que vivemos todos em caosmose e que podemos, assim e por isso mesmo, produzir, ativar ritornelos potentes... são para mim sinalizadores importantes para seguirmos viagem na construção do que eu chamo de o Mundo N'Ovo, e no que venho trabalhando amorosa e intensamente.

Talvez por isso mesmo tenha me surgido a palavra hiências, associada a devires e reticências. Este texto é resultado de uma brotação espontânea, intensa, no entre, na

hiância de vivências tantas com a Esquizoanálise. Ele, o texto, não traz o passado isolado, nem o presente, nem o futuro, concentra multitemporalidades, multiterritorialidades e transversalidades de afetos entre as vivências passadas, as intensidades abstratas sentipensantes da produção da fala, da conversa na Conferência, do texto em revisão e agora em preparação para entrega. Por isso mesmo, o texto não termina... há sempre sinalizações de devires, que também deixo aqui expressas em reticências...

BIBLIOGRAFIA

- Baptista M. L. C. (2014). “Cartografia de saberes na pesquisa em Turismo: proposições metodológicas para uma Ciência em Mutação” in *Rosa dos Ventos* 6/3, pp.342-355. Online: DOI:10.18226/21789061.
- Baptista M. L. C. (2020). ““Amar la trama más que el desenlace!”: Reflexões sobre as proposições Trama Ecosistêmica da Ciência, Cartografia dos Saberes e Matrizes Rizomáticas, na pesquisa em Turismo” in *Revista de Turismo Contemporâneo* 8/1, pp.41-64. Online: DOI: 10.21680/2357-8211.2020v8n1ID18989.
- Baptista M. L. C.; Eme J. B. (2022). “Estratégias de ‘Sobre-vivência’ Metodológica na Viagem Investigativa para a Ciência no Mundo Novo. Dimensão Trama, Cartografia de Saberes e Matrizes Rizomáticas [Resumo]” in (ed.) Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, *Anais do XIX Seminário Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo*. Recife, Brasil.
- Barthes R. (1984). *A Câmara Clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Capra F. (1991). *O Ponto de Mutação* (12ed.). São Paulo: Cultrix.
- Capra F.; Luisi P. L. (2014). *A visão sistêmica da vida. Uma concepção unificada e suas implicações políticas, sociais e econômicas*. São Paulo: Cultrix.
- Crema R. (1989). *Introdução à Visão Holística*. São Paulo: Summus.
- Dávila X.; Maturana H. (2015). *El árbol del vivir*. Santiago: MPV Editores.
- Deleuze G.; Guattari F. (1995). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34.
- Eco U. (1993). *Leitura do Texto Literário* (2ed.). Lisboa: Editorial Presença.
- Goswami A. (1993). *O Universo Autoconsciente*. São Paulo: Editora Aleph.
- Guattari F.; Rolnik S. (1986). *Micropolítica: cartografias do desejo* (2ed.). Petrópolis: Vozes.
- Kerckhove D. (1997). *A Pele da Cultura*. Lisboa: Editora Relógio d’agua.
- Maturana H. (1998). *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: UFMG.
- Maturana R. H.; Varela F. J. (1997). *De máquinas e seres vivos: autopoiese e a organização do vivo* (3.ed.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Morin E. (1991). *Introdução ao pensamento complexo*. São Paulo: Instituto Piaget.

- Morin E. (2003). *Amor, poesia e sabedoria* (6ed.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Morin E. (2021). *É hora de mudarmos de via. As lições do coronavírus*. São Paulo: Bertrand Brasil.
- Prigogine I. (2009). *Ciência, Razão e Paixão* (2ed.). São Paulo: Ed. Livraria da Física.
- Rolnik S. (1989). *Cartografia Sentimental*. São Paulo: Estação Liberdade.
- Weil P. (1991). “O novo paradigma holístico” in D. M. S. Brandão; R. Crema, *O Novo Paradigma Holístico: ciência, filosofia, arte e mística*. São Paulo: Summus, pp. 14-38.